A MENINA E O GATO

Obra das Mães pela Educação Nacional

«MOCIDADE PORTUGUESA FEMININA»

Direcção, Administração e Propriedade do Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa Feminina — Redacção e Administração: Comissariado Nacional da M. P. F., Praça Marquês de Pombal n.º 8 — Telefone 46134 — Editora, Maria Joana Mendes Leal. — Arranjo gráfico, gravura e impressão da Neogravura, Limitada, Trav. da Oliveira, à Estrêla, 4 a 10 — Lisboa

1943 — Que o arco-iris da paz brilhe sôbre o mundo!

SUMARIO

COM DIGNIDADE

RAMIRO de Maeztu foi um dos melhores espíritos e dos maiores corações que teve Espanha nos últimos anos. Foi também um dos seus mestres.

Os seus livros e muitas das suas palavras orientam ainda hoje os obreiros da Espanha nova que se ergue de entre as ruínas fumegantes da guerra civil que tanto a martirizou.

São dêle estas palavras: «Yo temo ser cobarde y por eso todos los dias pido a Dios que me dé alientos para morir, al menos, con dignidad».

* * *

Com dignidade...

Aí está mais um ano para viver: 1943.

Nos cumprimentos e no convencionalismo estabelecido, chamamos-lhe: ano novo.

Oxalá que seja: ano novo...

E sê-lo-à certamente se o vivermos **com dignidade.**

Ramiro de Maeztu pedia para morrer com dignidade — mas soube também viver com dignidade.

E' que o preço de uma morte heróica e linda foi sempre uma vida vivida com dignidade.

Tal vida — tal morte!

Ano novo — vida nova...

* * *

Com dignidade...

Aqui está uma outra palavra que passou a não ser saboreada pelos homens de agora.

Dignidade... viver com dignidade...

A perturbação nos espíritos chegou aqui e fez seus danos.

Daí o viver moderno, a desordem das almas, a adulteração de tudo. Ainda vão conservando os nomes as velhas instituições e os velhos costumes. Mas talvez por pouco tempo. As ameaças rondam já cêrca e não tardará nada que o modernismo petulante e atrevido até isto arruine.

Mas uma coisa é certa: — o tempo é... eternidade.

Mudarão e estragarão tudo os homens, onde êles não chegam é a apanhar a eternidade para a fazerem a seu modo.

* * *

1943...

Vamos vivê-lo em cheio: — com dignidade.

Que haja quem fique sempre de pé, entre as ruínas e as podridões.

Em Portugal, serão estátuas vivas da dignidade, as raparigas da Mocidade.

Entre as podridões e as ruínas e as mortes, andarão elas erguidas como flores e como fachos, a perfumarem e a iluminarem tôdas as trevas e tôdas as misérias.

* * *

Viver todo o ano com dignidade — é viver todos os dias, tôdas as horas e todos os momentos com dignidade.

Que tudo leve o sinal da dignidade, por êsse ano fóra.

Que tôda a vida vá sendo autenticada, passo por passo, com a nota da dignidade.

Vidas autênticas são as vidas dignas.

Que, ao menos, eu não minta...

Que não mintam as raparigas da M. P. F.: que o facto de serem filiadas garanta a todos — e a Portugal antes de mais ninguém — que elas, sim, são vidas autênticas — **vidas vividas com dignidade.**

G. A.

A Senhora Condessa de Rilvas impondo as insígnias às graduadas

NOTÍCIAS DA M.P.F.

O DIA DA MOCIDADE

O ***1.º de Dezembro*** *foi comemorado em todo o país pela Mocidade Portuguesa, tanto feminina como masculina, que em muitos lugares se uniram para festejar o* ***«Dia da Mocidade».***

Vamos dar uma breve notícia dalgumas dessas comemorações da M. P. F. (daquelas que até ao momento de escrevermos estas linhas tivemos conhecimento; faltam muitas).

Lisboa — Um castelo da M. P. F. depôs um ramo de flores no monumento da Restauração.

Na igreja dos Mártires celebrou missa Sua Ex.ª Rev.ma o senhor Arcebispo de Mitilene, que falou com eloqüência sôbre o significado da data, salientando a sua transcendência na nossa história.

A missa foi cantada por um numeroso grupo coral de filiadas e teve grande assistência de dirigentes e filiadas.

À entrada e à saída o senhor arcebispo passou por entre as bandeiras e guiões da M. P. F. que lhe faziam alas e o acompanharam.

À tarde realizou-se no Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho uma sessão presidida pela senhora Condessa de Rilvas, Presidente da Obra das Mães pela Educação Nacional, e com a assistência das Comissárias Adjuntas da M. P. F., Delegada Provincial da Estremadura, Sub-Delegada Regional de Lisboa, Dirigentes e Filiadas, para imposição das insígnias às chefes de *Castelo, Bandeira* e *Falange*.

Usaram da palavra a senhora D. Alice Guardiola, Delegada Provincial da Estremadura, D. Angelina Macedo, D. Maria Joana Mendes Leal e a Chefe da Falange Maria de Lourdes Belchior.

Um grupo coral de Filiadas fez se ouvir em vários números, tendo a festa terminado com o hino «Mocidade Lusitana».

Na sub delegacia e em vários Centros realizaram-se também sessões.

Pôrto — As filiadas da M. P. F. assistiram nas escadarias da Câmara Municipal às cerimónias realizadas na manhã do 1.º de Dezembro.

Depois de cantado o hino da «Mocidade» e da «Restauração» foi hasteada a bandeira de 1640, tendo em seguida os rapazes da M. P. desfilado com as suas bandeiras e guiões por diante da tribuna de honra, saüdados pela M. P. F.

Coimbra — A M. P. F. mandou celebrar uma missa na igreja de Santa Cruz a que assistiram as filiadas da Organização e muitos fiéis.

À tarde, no Liceu Feminino, efectuou-se uma sessão solene presidida pela Reitora daquêle Estabelecimento e Delegada Provincial da M. P. F., D. Dionísia Camões, que pronunciou uma exortação dirigida às filiadas. Em seguida, foi feita a imposição de insígnias às Graduadas.

Falou também a senhora D. Custódia Duarte, cujo trabalho a Delegada Provincial elogiou, ao encerrar a sessão.

Viseu — A M. P. F. assistiu com a M. P., Legião Portuguesa, Liga dos Combatentes da Grande Guerra e entidades oficiais à missa campal sufragando a alma dos heróis de 1640.

Vila Real — Houve missa mandada celebrar pela M. P. F. na Sé Catedral, imposição das insígnias às Chefes de Quina e à noite sarau de gala.

Leiria — Missa na Sé, dialogada pelas filiadas e a que assistiram, além das Dirigentes e Filiadas da M. P. F., os rapazes da M. P. e muitos fiéis.

O R.º Celebrante proferiu uma entusiástica alocução incitando as Filiadas a imitarem as virtudes das grandes mulheres portuguesas de antanho, e, sobretudo, a imitarem o modêlo ideal da donzela e mulher cristã, a Virgem Santíssima, e a seguirem os conselhos de Nossa Senhora de Fátima, Padroeira da Ala da M. P. F. de Leiria.

Setúbal — A M. P. F. mandou celebrar uma missa na Igreja de Jesus, tendo assistido as Dirigentes e Filiadas que enchiam por completo o templo.

À tarde, a M. P. F. assistiu à inauguração da «Casa da Mocidade» masculina, tendo algumas filiadas colaborado na festa com a recitação de poesias patrióticas.

Lamego — De manhã, missa na Sé. À tarde, realizou-se a inauguração da sub-Delegacia no liceu Latino Coelho, tendo assistido a Delegada Provincial e muitas pessoas.

Beja — A M. P. F. mandou celebrar missa na Catedral, que foi muito concorrida.

Vila Viçosa — Realizou-se uma missa mandada celebrar pela M. P. F., tendo sido benzida, antes da missa, a bandeira da Organização, oferecida pela senhora D. Mariana Esteves Nunes de Oliveira.

Espinho — Depois da missa mandada celebrar pela M. P. F. e acompanhada com cânticos pelas Filiadas, realizou-se uma sessão solene no Colégio de Nossa Senhora da Conceição para imposição das insígnias às graduadas e distribuïção de prémios concedidos no V Salão de Educação Estética, realizado em Lisboa.

Proferiu uma brilhante palestra a professora D. Clarisse Isabel Ramos e algumas filiadas recitaram versos alusivos à festa do 1.º de Dezembro.

Póvoa de Varzim — Missa solene, cantada por um numeroso côro de filiadas, tendo o Rev. Celebrante proferido uma patriótica alocução.

Em seguida à missa, a Mocidade Portuguesa, feminina e masculina, assistiram em frente dos Paços do Concelho ao hastear da bandeira nacional e da «Mocidade».

Bragança — A M. P. F. mandou celebrar missa por alma dos heróis da Restauração na igreja de S. Francisco, assistindo a Mocidade feminina e masculina, com os respectivos guiões e estandartes. Academia, Autoridades, etc.

Em seguida, realizou-se o içar da bandeira Nacional, tendo o Reitor do Liceu feito uma alocução sôbre o significado do acto.

À noite houve récita de gala.

Figueira da Foz — Missa de acção de graças na igreja matriz, com assistência dos filiados da M. P. e da M. P. F., Dirigentes, representação da Legião Portuguesa e muitos fiéis.

Moura — Também em Moura foi celebrada missa mandada dizer pela M. P. F., tendo o R.º Celebrante proferido uma alocução patriótica.

A S.ta Igreja festeja no dia 10 de Janeiro (Domingo dentro da Oitava dos Reis) a festa da Sagrada Família.

Esta festa litúrgica deve ser uma das mais queridas à Mocidade Portuguesa Feminina, porque, honrando a santa Família de Nazaré, é a própria família que aprenderemos a santificar.

O fim principal das festas religiosas é dar glória a Deus com o nosso culto; mas as festas têm também um fim educativo.

Que lição nos dá a festa da Sagrada Família?

Qual é o *quadro vivo* que a S.ta Igreja põe diante dos nossos olhos neste dia?

Um dos hinos da festa canta assim as maravilhas da humilde casa de Nazaré:

«O sol, cujo disco percorre a extensão dos continentes, jámais viu na continuação dos séculos nada mais encantador e mais santo!

Os mensageiros da côrte celeste voam em volta dela em grande número, visitam-na e tornam a visitá-la, veneram êste santuário de virtudes.

Com que coração, com que boa vontade Jesus cumpre os desejos dos pais! E com que alegria a Virgem se entrega aos seus deveres de Mãe!

A Sagrada Família e o passarinho — Murillo

A Sagrada Família

José assiste a Espôsa, partilhado o seu amor e a sua solicitude; almas santas que a graça embeleza de virtudes e une por mil laços.

Amando-se um ao outro, concentram o seu amor em Jesus, e Jesus dá-lhes a um e a outro os testemunhos dum recíproco amor.»

É êste o quadro feliz, de intimidade e ternura, que a S.ta Igreja nos descreve e faz a admiração dos Anjos e também a nossa, ao contemplá-lo.

E o hino da festa remata com êste desejo:

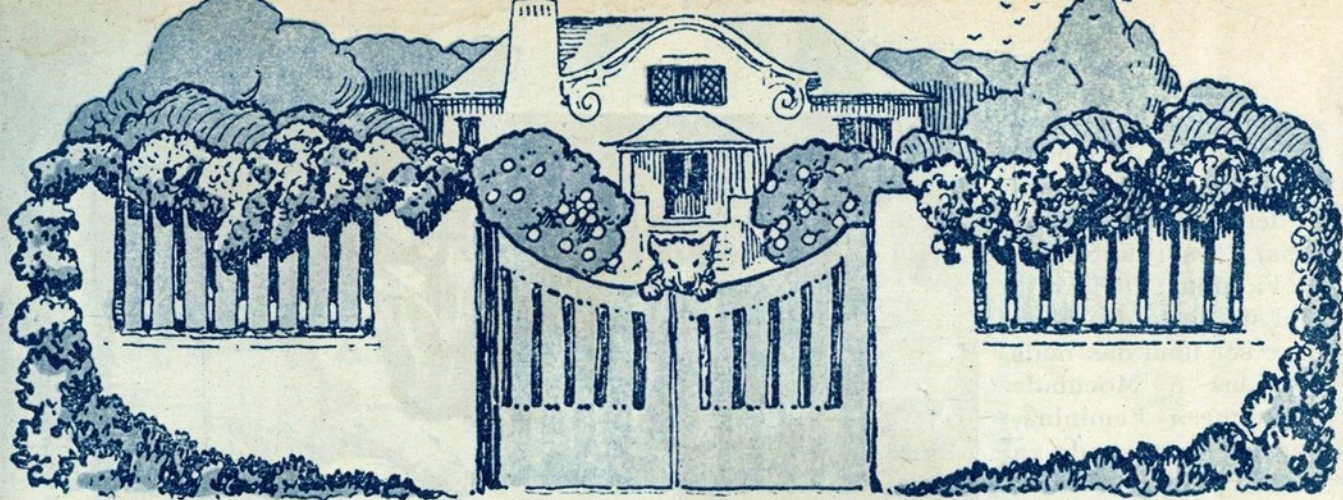
«Possa o amor unir-nos igualmente por laços indissolúveis! Possa ela manter a paz nas famílias e adoçar as amarguras da vida»!

Para vós, filiadas da Mocidade, por enquanto, é Jesus o vosso particular modêlo na Sagrada Família. Diz o Evangelho que «Êle era submisso aos pais», a Maria, sua Mãe Santissima, e a José, seu Pai adoptivo.

Sêde obedientes e dóceis, carinhosas e alegres — são estas virtudes familiares que vos são mais pedidas.

Praticando-as, crescereis como Jesus «em graça e sabedoria diante de Deus e dos homens».

Mas fixai também, para o pôr em prática mais tarde, o exemplo de Maria e José: aprendei com êles a dedicação e a fidelidade, o espírito de sacrifício e o esquecimento próprio que hão-de santificar o vosso futuro lar!

Maria Joana Mendes Leal

Hospitalidade!

Novembro 1942

Querida Guida

Escrevo-te da Beira, onde ainda estou, apesar da época vulgar de férias já ter passado há muito tempo! Os dias estão lindos, mas frios, e o que me vale, quando se põe o sol, é a brazeira. Mando-a pôr debaixo da mesa onde te escrevo, e assim, além do prazer de conversar contigo, tenho o confôrto de me sentir aquecer, deliciosamente...

Os hóspedes que aqui tivemos, já se foram, chamados pelos seus deveres. Com pena os vimos partir, e creio que também levariam saúdades destas serras e campos ásperos, desta gente rude mas boa e desta paz, quási que incompreensível no meio do mundo em guerra.

Nas cidades ouvem-se boatos, fazem-se conjecturas... Mas na aldeia os nossos amigos só tinham que escutar, se quizessem, a descrição das últimas fases da luta que dura há anos, entre a D. Mariquinhas e o Doutor, e saberiam com minúcias, se indagassem, da campanha renhida que se travou para nomear o novo regedor! A Luiza achava graça a estas histórias, mas o José, não. Tinha a sua grande atracção na caça e passava os dias a correr atrás das lebres e perdizes.

Espero ter sido boa hospedeira e não me ter esquecido dos «pequenos nadas» que tornam os quartos e as casas acolhedoras. Lembra-me sempre da hospitalidade encantadora da Avó e tento imitá-la, embora essa grande amabilidade esteja bastante fora de moda. Mas, como sei o prazer enorme que sentia ao descer do comboio e ao cair nos braços da Avó ou da tia Joana, que me apertavam contra si, dizendo com imensa alegria: «Pois és tu filha, és tu minha flôr, até que enfim que chegaste à tua casa!» Que eu me sentisse em casa com a Avó, é natural, mas que a tôdas que a visitassem conseguisse dar essa impressão, é a verdadeira e antiga hospitalidade portuguesa. A velha fórmula, que eu a ouvi várias vezes empregar, ao receber no alto da escada, a hóspedes de cerimónia: «Esta casa, ao entrarem nela, deixou de ser minha para ser de V. Ex.as» é agora desusada; mas não deixa nunca de ter actualidade qualquer frase que dê a mesma impressão, ou qualquer facto ou gesto que a ponha em prática. Lembra-me de um dêsses gestos de fidalguia de uma senhora espanhola, muito amiga de meus avós. Indo êles a Madrid visitá-la, encontraram à saída da estação o «coupé» dessa senhora à sua espera. Tinha pintado na portinhola o brazão dos seus hóspedes! Deu-lhes sem frase alguma a impressão que desejava; que entravam no seu carro, para irem para sua casa.

Na verdade, que bonito é acolher bem os amigos e como essa amabilidade obriga a delicadeza e discrição da parte de quem a recebe...

Aflige-me sempre quando oiço dizer, com êste à-vontade, que dizem moderno, mas que é má educação de todos os tempos: «Espero hoje, Fulanos, mas tenho que sair, êles saberão achar o quarto e pôr-se à vontade». Sim, devem saber, se forem igualmente pouco bem educados, mas se tiverem qualquer resto de delicadesa devem-se sentir muito embaraçados e francamente mal recebidos.

A casa pode ser modesta e o quarto pobrezinho, mas se a cama estiver feita com lençóis muito brancos e engomados e numa mesa houver umas flores, um paninho bordado, enfim qualquer coisa que mostre o desejo de tornar agradável e acolhedor o pouco que se tiver, será já o bastante para se agradecer e sentir aquele calor reconfortante no coração, que vem do saber que nos estimam e alegram com a nossa visita.

E' maçadora para, quem a recebe, a amabilidade excessiva, que obriga a comer, acompanha em todos os passeios e está sempre em ponto de cerimónia. Mas entre êsse abuso de amabilidade e a verdadeira hospitalidade vai uma grande distância, já que o que se pretende é ser agradável e não governar despòticamente os nossos amigos...

E, aliás, há certas coisas que o coração nos dita e que não se aprende em livros de etiqueta, Não achas? Sabemos que manda a praxe que os príncipes da casa reinante ou um cardeal (príncipe da Igreja) sejam recebidos à porta da casa, tendo os homens da família candelabros acesos na mão. Mas se não tiverem candelabros? Então, Deus meu, se a família estiver tôda à porta e mostrar a honra e prazer que recente ao receber tão augustos hóspedes, a alegria dos seus semblantes fará esquecer por completo as luzes, que só estariam acesas para darem a mesma impressão. E... ser bom hospedeiro é sempre esquecermo-nos dos nossos gostos para os substituirmos aos dos outros (como uma dona de casa, quási sempre faz, em família) E' saber dirigir as conversas para assuntos interessantes, onde os outros brilhem; escutar os maçadores, evitar discussões, animar os tristes e amparar os fracos...

Querida, vê-se bem que estou na Provincia e que não tenho pressa (ninguém a tem no campo) já te escrevi imenso e não te disse quási nada! Hoje não continuo porque são horas do correio. Amanhã em lugar de «filosofar» dou notícias.

Um grande abraço da muito amiga

Maria

Filiadas da Mocidade ouvide!

ERA costume escrever nos antigos relógios solares pensamentos inspirados pela ideia da hora que passa, da vida que foge; palavras que fizessem meditar os homens, que vivem desperdiçando inconscientemente o tempo e os dons de Deus.

Começou um novo ano. E' um momento bem escolhido para olharmos a vida a sério.

Filiadas da Mocidade, escutai a voz dos velhos relógios que vos dizem palavras de verdade que, como o próprio sol, não envelhecem.

Filiadas da Mocidade, ouvide!

Afastai-vos do mal, praticai o bem!

O mal é a grande tristeza que perde as almas e estraga a vida! Afastai-vos dêle e praticai o bem: e encontrareis a alegria, a santa alegria que é um bem na terra e bemaventurança no céu.

Filiadas da Mocidade, ouvide!

Porque procurais a hora, se é para a perder?!

Olhamos constantemente para o relógio. Que horas são? Para que queremos saber a hora que é, se não tratamos de aproveitá-la utilmente?

Cada hora que passa é uma riqueza que se diminui, podendo fazê-la render!

Aproveitai cada hora do vosso dia: para amar a Deus, trabalhar, tornar os outros felizes, valorizar a vossa vida de qualquer modo.

Pensais que, sendo tão novas, a vossa vida nunca mais terá fim?!

Filiadas da Mocidade, ouvide!

A vida é como a sombra, insensível no seu curso; julgamo-la imortal e ela avança sempre.

E' ainda manhã na vossa existência; mas já passou a aurora... Breve será meio dia e não tardará também o poente...

Não deixeis cair a noite sem ter vivido a vossa vida — e só poderemos dizer que vivemos, quando deixamos atrás de nós obras de vida eterna.

Filiadas da Mocidade, ouvide!

Gosai esta hora!

E' um don de Deus. Mas gosai-a sem a estragar, no vigor da vossa juventude, na paz da vossa consciência, na satisfação do dever cumprido.

Gosai-a sem egoismo — concorrendo para o bem de todos; gosai-a santificando a vossa alegria — dai graças a Deus!

* * *

Se escutardes os conselhos dos velhos relógios, sejam de sol ou de chuva os vossos dias, o relógio da vida só marcará para vós durante êste ano HORAS DE GRAÇA!

Maria Joana Mendes Leal

Mitza

JOGOS FLORAIS DA M. P.

A linda iniciativa dos *Jogos Florais* tomada pela Mocidade Portuguesa teve o seu remate no dia 1 de Dezembro, com a distribuïção de prémios que se realizou no Eden-Teatro.

O Comissariado Nacional da M. P. teve a gentileza de convidar para fazer a entrega dêsses prémios a M. P. F.

Foi das mãos das nossas raparigas — representadas ao palco por três filiadas — que os rapazes receberam os prémios que lhes foram conferidos pelo júri que apreciou os trabalhos.

Publicamos as 3 produções contempladas com os primeiros prémios, que foram recitadas pelos seus autores na festa do Eden-Teatro.

Os aplausos entusiásticos com que foram aclamadas, mostraram bem como o público, que enchia a transbordar a sala, apreciou o valor dessas composições.

Estamos certas que a mesma impressão de agrado irão merecer de todas aqueles que as lerem.

Na festa do Eden. Entrega dos prémios dos Jogos Florais pelas filiadas da M. P.

OS TRÊS PRIMEIROS PRÉMIOS

Quadra Popular

Eu adoro Portugal
como adoro minha Mãe.
Se morresse Portugal
eu morreria também

Alvaro Horta dos Santos
Infante — Dos Centros Escolares Primários da Ala de Lisboa

....

Portugal

Das velas a pender de cada mastro,
A Cruz de Cristo, — símbolo da raça, —
Com seus braços de sangue um povo abraça,
Heroico, forte e altivo como um astro!

Cairam névoas. Dissipou-se o rastro.
Tudo vergou ao pêso da desgraça!
E a Cruz de Cristo, — símbolo da raça, —
Faz-se, por entre as névoas, negro astro!

Gôta de sol ardente! Oh! Mocidade!
Acertai o bater dos corações!
Chegou a hora, enfim, da Liberdade!

Lavrai ao som de líricas canções!
E erguendo, em vós, a voz da lealdade,
Lutai, rezando estrofes de Camões!

Joaquim Castela Esteves
Arvorado em Comandante de Castelo — Centro n.º 21 da Ala de Lisboa

....

Chama Inquieta

Trouxemos lenha e tôda amontoámos
a meio do Acampamento. Aí cavámos
um sulco circular, delimitando
uma mêsa redonda e uma bancada.
Da mêsa surgirá chama ateada
e, em volta, a Mocidade está cantando...
E' noite feita. A chama a crepitar,
e um silêncio se faz no Acampamento...
A' volta dêsse lume, num saüdar,
está pensamento môço... Pensamento!...
As árvores murmuram, meigamente,
uma canção que o vento magicou...
E, no céu, muita estrêla refulgente
é alto ideal, qu'inda não se alcançou!
Não poderei esquecer, por que viva,
os reflexos da chama bailadeira,
no olhar feliz da Mocidade altiva,
Rosto viril, que o lume avermelhava,
— ambiente de mística sem par! —
ao alto o Coração, que procurava
ser môço hoje... e pela vida inteira!
E a chama sempre, sempre a crepitar,
fez-nos pensar... pensar...
Em que pensámos?
Que a Mocidade é Ideal Sublime,
porque resume e subtiliza a Esperança
do Mundo que ideámos!
Porque ela em nós imprime
o dom da Confiança,
da Confiança em nós, no que podemos,
na Certeza que sempre venceremos!
Pensámos que é preciso compreender!
Sentimos um impulso p'ra melhor!
Pensámos que é preciso saber Querer!
Sentimos Fé num Portugal Maior!
A chama, a crepitar, ia aumentando
e as almas também! Já não cabiam
dentro de nós, e saïam cantando,
e todo o campo... e todo o Mundo enchiam...
Pensámos Mocidade, e, olhando a flama,
sentimos nela a vida que nos chama!
Vida mais alta, plena de ideais,
não de quiméras, de utopias loucas,
mas de princípios sãos, dos imortais,
que se resumem em palavras poucas:
DEUS, PATRIA e FAMILIA, a trilogia santa
do mais alto Ideal que Portugal levanta!

. . . .

Na Chama vimos nós a própria Vida,
feixe dessoutros feixes imortais.
Nas almas, outra lavareda erguida,
que não se extinguirá jàmais... jàmais!
... e a chama sempre, sempre a crepitar!...
Pensámos e pensamos Mocidade,
no Belo que na Cruz há a encontrar,
e no Bem porque anseia a Humanidade!

. . . .

Um premiado feliz!

. . . .

Na escuridão da noite, o lumaréu
erguia para o Céu
línguas de fogo agora suplicantes...
As árvores pareciam uns gigantes!
Barracas brancas — : "almas de outro mundo„!
Aos cantares sucedera um silêncio profundo!...
No remanso da noite adormecida,
tinha-se ali o Mundo e seus terrores,
e uma chama fraquinha, empobrecida,
tal como as juventudes que passaram,
gemendo mágoas, lastimando dores,
sem memória deixar aos que ficaram!...

. . . .

. . . .

Quando a chama se erguia, ardente e forte,
simbolizava a Vida idealizada,
a Mocidade que não teme a sorte,
a Mocidade que não teme nada!
A Nossa! Era chama, ao alto erguida,
num complexo de ideais a renascer!
Ideais? Ideal da própria Vida,
iluminando o nosso Alvorecer!

. . . .

Ao dealbar do dia
a chama se apagara,
mas, nas almas existia
outro lume que vingara,
que crepita, tendo algo de Mistério,
anseio de Maior Bem para a Humanidade,
erguido em honra de Portugal-Império,
Chama da nossa própria Mocidade!

Eugénio José Ascenção Ribeiro Rosa
Comandante de Grupo — Centro Universitário de Lisboa

Comemorações do 1.º de Dezembro em Lisboa

Texto e desenho de Maria Helena Baptista de Oliveira Velez Manta — Vanguardista — Centro 1 — Pôrto

JARDINS do MAR

A MADEIRA, em meio da sua magestosa, monumental paisagem, tem cantinhos humildes que são verdadeiros poemas vergilianos, por onde esvoaça o Espírito gentil do Povorello d'Assis, a compor novas estrofes para o seu Cântico ao Sol.

Em todos os recantos, à beira do riosinho estreito duma levada murmurante — corrente mansa a rezar — em cada postigo florido de casa coberta de colmo, em cada terreiro com camélias e mimosas, em cada sombra de figueira, onde, nos dias longos, se juntam bordadeiras a vigiarem os figos, em cada porta de moinho onde as mós vão dizendo a longa *Oração ao Pão*, em tôdas estas serras, em todos êstes campos em degraus pelos montes acima, em tôdas estas aldeiasinhas que cheiram a resina de pinheiro e a flôr de murta, anda a Luz em lindas rimas com a Côr.

Há as redondilhas ligeiras das quadras dos arraiais e há as composições severas, clássicas, de poemas da Antiguidade.

E' o *Auto do fim do Dia* com o *Bendito atrás do nosso Pai* e são os *Lugares Selectos* dos mestres da *medida velha*.

Os abismos profundos e negros, de baralho, cheios de ecos temerosos, onde o sol não se demora, e os temporais põem visões dantescas, até os abismos fundos abrigam cantinhos frescos de verde tenro — miniaturas de hortas — rodeando minúsculas povoações. E' que as águas que vêm de escantilhão, pelas vertentes rochosas abaixo, amansam ao chegar, e vão dando de beber às hortaliças e aos feijoais.

E até os choupos e os salgueiros se põem para ali, estilizados, a olharem a corrente benfazeja.

Dir-se-iam aguarelas transparentes, metidas em molduras de pedra negra.

As aldeias piscatórias, com suas casas térreas, de branco, quási rentes ao mar, cheiram a algas e a peixe fresco. E, no outono, o ar sabe também a môsto, porque os vinhedos e os lagares ficam bem perto.

Os cantinhos dos terreiros, ali, são cheios de luz crua, mas têm a nota confortante das malvas e malvaiscos, postos em vasos quebrados, nos pitorescos balcões que olham o mar.

E dali se olha o Oceano sem fim e dali partem os que vão para a labuta da pesca. E por lá se ficam horas sem fim. De noite, é a grande parada luminosa dos *candeios*, lá longe, tão longe que as luzes surgem enevoadas e intermitentes como se uma povoação da *Outra Banda* se iluminasse ao cair da noite.

Impressionam estes cantinhos das aldeias de pescadores, entaladas em rochas altas que são constante ameaça de tremenda derrocada.

E tanta desgraça tem havido, que corta o coração...

Num rompante, despenha-se a rocha por aí abaixo e lá se vai tudo, vidas e haveres. E, depois, tanta miséria, meu Deus!

E há o *sino, coração d'Aldeia a bater quando sente* alegrias e tristezas, a bater nos longes e a bater nas almas, e as capelinhas com seus alpendres, entre plátanos, ou no meio de jardins, ou sôbre rochedos nús, e, agora, os Cruzeiros em picos altos, de braços abertos, a mostrarem os caminhos da Vida.

A' sua roda, casais entre arbustos nascidos das sementes que a brisa semeia e o sol acalenta.

E há jardins por tôda a parte, canteiros de dálias, renques longos de corôas de Henrique e de hortênsias, brincos de princesa, buganvilias trepadoras e glicinias a debruçarem-se nos muros.

Em todos êstes recantos e à volta dêles e em tôda a parte, a Madeira está sempre em festa de côr — desde o verde do Pentecostes até o rôxo quaresmal, com os jacarandás em flôr.

Mas em meio de tanta Beleza, muito se sofre também.

Sofrem as almas inquietas e insatisfeitas, e sofrem os que arrastam a cruz do trabalho esmagador: desde os que, numa luta ciclópica, suspensos sôbre abismos, olhos na morte, fazem a milagrosa transformação da rocha dura e bruta, em terra arável a produzir batatas e hortaliças, até às pobres bordadeiras, realizando maravilhas nos linhos e nas cassas, a mirrarem-se, dia a dia, hora a hora, na ânsea da côdea de pão.

E uns e outros vão cantando, a arrastarem sua cruz pelos caminhos.

Mas talvez cantem, com vontade de chorar...

Quinta do Til-Ribeira Brava — Madeira

FELICIANO SOARES

1 — Um valioso cruzeiro
2 — Garotos da serra
3 — Em plena serra: — Velha casa

O verdadeiro lar

Foto: SPAGNESI

QUÁSI tôdas as pessoas têem *casa*, mas nem tôdas possuem um *lar*.

Há diferença entre a casa — *habitação* — e a casa — *lar*.

Se a casa fôr apenas um tecto debaixo do qual nos recolhemos, não se lhe pode chamar *lar;* para que a casa seja um verdadeiro *lar* é preciso que nela sintamos o aconchego do amor.

A *casa-hotel*, onde se está apenas para comer e dormir, não merece o nome de lar; no lar, *vive-se!*

Pouco importa que a casa seja pobre ou rica; o que a torna adorável, é a sua semelhança com um ninho.

A casa precisa de ser revestida com qualquer coisa que se tira do próprio coração; de contrário, as pedras, embora cobertas de sêdas e brocados, são sempre duras!

Lar, diz intimidade; cantinho que é *nosso*.

Excessivamente devassado por estranhos, a casa torna-se uma praça pública; já não é o lar, onde só deve entrar quem entra no nosso coração: a família e os amigos — quem vem *por bem!*

Lar, diz paz, segurança; refúgio das nossas penas, lugar das nossas alegrias.

Se nêle se estabelece a desordem, pode tornar-se num campo de batalha! E não há nada mais triste do que corações separados numa vida em comum.

O lar deve ser santo como um templo. Algumas religiões têem os seus deuses domésticos, que são venerados no altar familiar.

Nós, devemos ter entronizado no nosso lar o Sagrado Coração de Jesus, "Centro e Rei de todos os corações„.

Mas se a família não respeita a santidade do lar, êste será como um templo profanado, sem presença divina: não mora ali o Senhor!

Cabe à mulher, dum modo especial, a guarda do seu lar e está-lhe confiado o fogo sagrado.

O lar — tanta vez isto se tem dito que é já banal repeti-lo — tem um símbolo: a lareira. (Estou a escrever estas linhas sentada a uma lareira, onde a lenha arde em chamas que me alumiam e alegram e se desfaz em brazas que me aquecem).

Semelhante à lareira, o lar é para as almas luz de alegria; e calor — amor — para o coração.

Frases feitas? Não. Realidades eternas. E ai daqueles que as desconhecem porque jàmais as sentiram!

A alma do lar — também já é uma velharia dizê-lo — é a mulher.

E tanto assim é, que um escritor inglês afirma com razão:

«Para tôda a parte para onde vai uma verdadeira esposa, o lar se transporta com ela. Pouco importa que, sôbre a sua cabeça, não haja senão estrelas e a seus pés, por única brasa, na erva enregelada da noite, o pirilampo. O lar está em tôda a parte onde ela está, e se é uma nobre mulher, estende-se longe à sua roda, melhor do que se fôsse coberto de cedro ou pintado de côres brilhantes, derramando a sua luz calma sobre aqueles que, doutro modo, não teriam lar».

É a mulher que *faz* o lar; onde ela falta, o homem pode ter uma casa, mas não possue um lar.

O lar é o sorriso e a ternura da mulher; são os seus cuidados e desvelos.

É a luz do seu olhar que tudo faz resplandecer; é o trabalho das suas mãos que tudo toca de graça.

Queridas raparigas! E' para o lar que a Providência vos criou. E sabeis que a Divina Providência dá sempre os meios necessários para a realização dos seus designios.

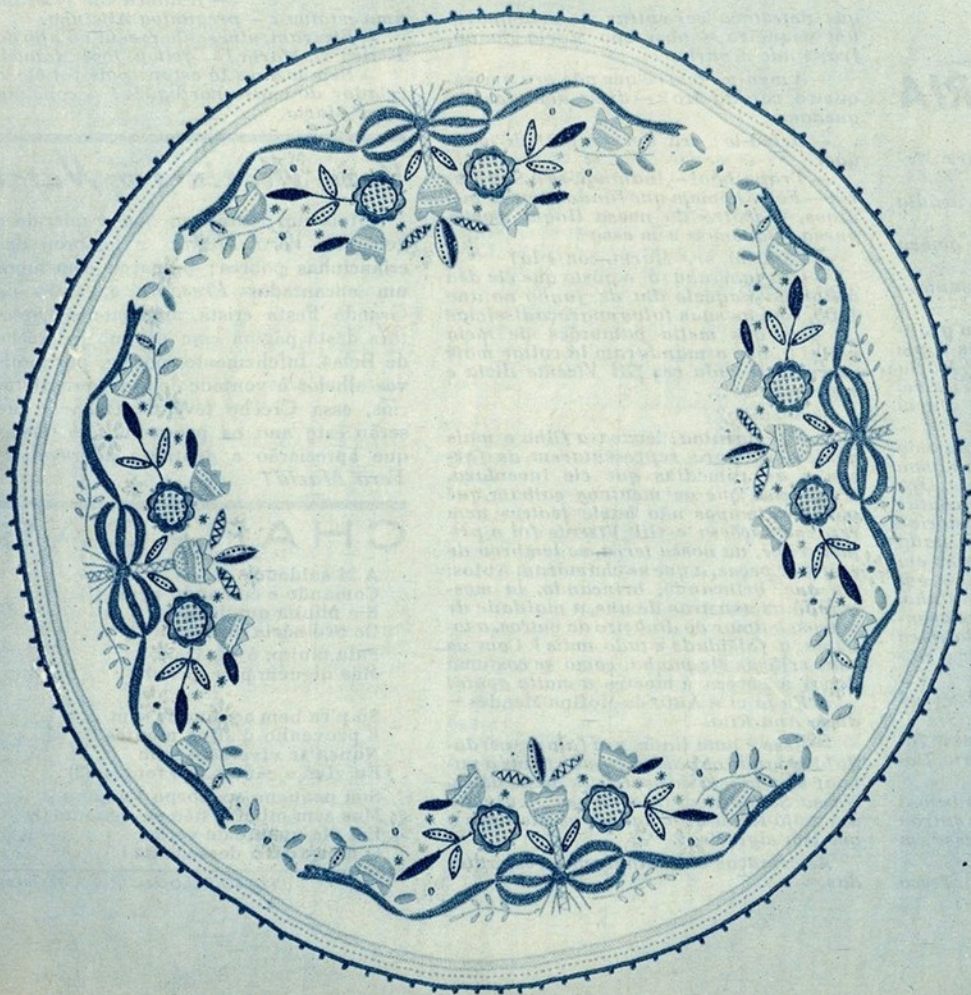
Porém a mulher recebeu do Senhor qualidades diferentes das qualidades do homem, mas que com as dêle se completam para que, juntos, possam cumprir a sua missão.

Desenvolvei as vossas qualidades femininas, que do Senhor recebestes para um fim tão alto, como é a fundação dum lar e a felicidade da família.

Sêde boas, sensatas, alegres, dedicadas, esquecidas de vós mesmas — e sereis *mulheres superiores,* sem pretender rivalizar em tolas superioridades com os homens, o que nada vos engrandece, antes diminui!

Cada um deve ocupar o seu lugar — aquele que a Providência lhe marcou. E o vosso, como rainhas do lar, é o mais belo!

Coccinelle

TRABALHOS de Mãos

PANO REDONDO

Êste pano, em bordado regional português, é bordado em tons azúis.

O desenho é original, o que lhe dá ainda maior interêsse. Poderá ser mais ampliado.

PAGINA DAS LUSITAS

— E até se ouve dizer:

Eles fazem que não ouvem, e êles ouvem muito bem...

E' para mostrar que as gentes andam pelo mundo sem pensar na Religião, sem ver Deus, sem sentir e conhecer a grande Felicidade da Fé, que ali estava mesmo ao lado... — e a Sr.ª Maria, cruzando as mãos, calou-se um momento, pensativa.

— Conte mais, ande — pediu Maria Domingas.

— Gil Vicente fez também farsas muito alegres e folgazãs como é uma chamada A farsa de Inez Pereira*; e uns Autos lindos em que o Diabo diz as verdades nuas e cruas aos maus...*

— Mas que homem tão notável! — exclamou um.

— E' um dos homens que mais brado deu pelo seu talento! E sabem que houve um grande sábio da Holanda que quis aprender o português só para ler escritos de Gil Vicente?!

— E nunca lhe fizeram uma estátua? — preguntou Alicinha.

— Fizeram, sim senhor: está no alto do Teatro D. Maria! — gritou José Manuel.

— Bem merece lá estar: pois foi êle o criador do teatro português! — concluiu a sr.ª Maria.

TAGARELICES DA SR.ª MARIA

— De quem vai hoje falar-nos, sr.ª Maria? — preguntou Ana Rita.

— Dum homem de guerras? — acudiu José Manuel

— Que massada de guerras... — gemeu Vera.

— Ora, é sempre o mais interessante — tornou José Manuel.

— Vou falar aos meninos de um grande português; mas lá de guerras é que não temos nada — declarou a sr.ª Maria — hoje conto-lhes a história de Gil Vicente.

— E' o dos Autos? — preguntou Maria Joana.

— Êsse mesmo, menina. No tempo do rei D. Manuel I, aquêle a quem se chamou o Venturoso, é que viveu Gil Vicente. Ora tanta era a graça que êle tinha a contar coisas, a fazer versos, a dizer histórias chistosas, que essa fama chegou nada menos do que ao Paço; numa ocasião em que a boa da Rainha estava doente e em que até tinha nascido um principesinho. Ora, o que julgam os meninos que aconteceu? O Gil Vicente foi chamado para dizer versos da sua lavra e distrair a rainha doente.

— Eu já sei o que êle disse — observou José Manuel.

— Como não é você que conta, deixe falar a senhora Maria — acudiu Maria Domingas.

— Vestiu-se de vaqueiro, assim bem à saloia — continuou a sr.ª Maria — e entrou pelo palácio dentro como se estivesse em sua casa!

— Eu se estivesse de cama confesso que detestava ver entrar no meu quarto um vaqueiro — observou Maria Joana, franzindo o nariz.

— A menina não vê que não era um vaqueiro verdadeiro? — disse uma das pequenas.

— Deixá-lo; era um trapalhão qualquer.

— Trapalhão! — indignou-se a Sr.ª Maria — Foi o homem que fundou, meus meninos, o teatro da nossa língua portuguesa: fiquem-se com essa!

— Conte lá, sr.ª Maria, conte lá!

— Ora tamanho foi o gôsto que êle deu à Rainha naquele dia de Junho no ano 1508, com as suas falas engraçadíssimas (se bem que metia palavrões de meia noite!), que o mandaram lá voltar mais vezes. E de cada vez Gil Vicente dizia e representava...

— Sòzinho?!

— Não, menina: levava a filha e mais gente nova para representarem as farsas e as comédias que êle inventava. E' preciso que os meninos saibam que até êsses tempos não havia teatros nem representações; e Gil Vicente foi o primeiro que, na nossa terra, se lembrou de escrever peças, a que se chamaram Autos; em que, brincando, brincando, ia mostrando as asneiras de uns, a maldade de outros, o amor ao dinheiro de outros, a toleima, a falsidade e tudo mais! Com as suas críticas êle punha, como se costuma dizer, a careca à mostra a muita gente!

— Eu já vi o Auto da Mofina Mendes — disse Ana Rita.

— Êsse é uma lindeza, a falar a verdade! E quando os pastores estão todos a patetar sem verem que está ali, ao pé dêles, Nossa Senhora diante do seu Menino, e um Anjo lá no alto, sabem os meninos o que isto significa?

As crianças entreolharam-se, espantadas.

Vera Maria e o Natal

Mais um Natal em que a querida e generosa *Vera Maria* se lembrou das criancinhas pobres: preparou com amor um encantador *Presépio* e, antes da Grande Festa cristã, mandou-o à Directora desta página com destino à Créche de Belas. Infelizmente, porém, por motivos alheios à vontade dos seus proprietários, essa Créche teve de fechar e não serão êste ano os pequeninos de Belas que apreciarão a gentileza adorável de *Vera Maria!*

CHARADAS

A 24 soldados
Comando e comando bem; (1)
E a minha qualidade
De ordinária nada tem (2)
Fala muito, é tagarela,
Mas niguém pior que ela.

• • •

Só p'ra bem ao mundo vim
E provenho d'altos montes.
Nunca se vive sem mim
Eu vivo a cantar nas fontes. (3)
Sou pequeno em corpo humano
Mas sem mim... não se aguenta (1)
Em dia quente de verão
O meu **todo** dessedenta!

(VER SOLUÇÃO NA ÚLTIMA PAGINA)

POR
MARIA PAULA
DE AZEVEDO

O segrêdo de Clarinha

(Continuação do número anterior)

CLARINHA *(sacudindo a cabeça)* — Vou desenhar o Esaú, todo peludo, e o Jacob a receber a bênção do pai cego.

E correndo para o quadro preto, Clarinha esboçou, com verdadeiro talento, as figuras do Velho Testamento. Ali estiveram, professora e discípula, até à hora da merenda, e, logo a seguir, vinham outra vez, como sucedia quàsi tôdas as semanas, as primas e os primos brincar.

MAUNEL JOÃO — Meninas e meninos, sentem-se todos em volta de mim: peço a palavra!

ANGELICA — Se você bota discurso, eu fujo.

CLARINHA — Não faças caso Mané: fico eu a ouvir.

MARIA AMÉLIA — E se calhar... és a única que êle quere oiça.

MANUEL JOÃO *(a rir)* — Nada disso: hão-de ouvir todos; grandes e pequenos.

ZÉCA — Desembuxa!

MANUEL JOÃO — Imaginem que recebi hoje mesmo um presente esplêndido do meu padrinho!

ANGÉLICA — Ora, ora, ora: é para nos dizer isso que queres tudo à roda de ti?!!

MANUEL JOÃO — Quando souberem o que é o presente, talvez se interessem todos!

ZÉCA — Eu cá se não é para mim essa coisa, não me importo com ela.

JOÃO — Nem eu.

CLARINHA — Ao menos, deixem ouvir o que é!

MANUEL JOÃO *(triunfante)* — É um cinema, uma máquina de filmar! E vou filmar as nossas brincadeiras, os nossos jogos, tudo!

CLARINHA — Que esplêndido!

MARIA AMÉLIA — Você não sabe.

ANGELICA — Pode aprender: de tolo não tem nada o nosso primo.

MANUEL JOÃO *(indo buscar a máquina e mostrando-a)* — E quero já, ouviram? filmar vocês quatro, meninas, a dançarem o Vira! Vá, tudo no meio da casa! Vamos! Despachem-se!

Foi uma balburdia. Clarinha, Angélica, Maria Amélia e Zéca, de braços levantados, já cirandavam, alegres, cantando o bom cantar; e os outros pequenos, batendo as palmas a compasso, ajudavam a marcar o alegre ritmo popular. Manuel João ainda preparava a sua máquina quando entrou a condessa.

A CONDESSA *(risonha)* — Muito bem filhos, muito bem! Gosto imenso de os ver rir e cantar.

MANUEL JOÃO — É para eu filmar a dança, Tia! E as meninas dançam lindamente, sobretudo a Clarinha.

CLARINHA *(parando de dançar)* — Estou cansada; não danço mais.

A CONDESSA — Tão depressa te cansaste, minha filha?

MÁRIO *(espevitado)* — Não é cansaço... é amuo!

CLARINHA *(furiosa)* — Cale-se, seu patetinha.

MANUEL JOÃO *(admirado)* — Oh Clarinha!

A CONDESSA *(saindo)* — Não briguem, filhos; cantem e dancem sem se zangar, peço-lhes.

ANGELICA *(a Clarinha)* — Estavas cansada ou foi birra?

MARIA AMÉLIA *(rindo)* — Essas coisas não se preguntam.

CLARINHA — Foi birra, Angelica, fica sabendo.

MÁRIO *(triunfante)* — Já vêem que eu acertei: escusava a menina de me chamar nomes.

MANUEL JOÃO *(desconsolado)* — Ora tu que és esperta, e boa, e religiosa, e...

MARIA AMÉLIA — Basta, meu primo, basta!

MANUEL JOÃO — Deixa falar, Maria Amélia. Pois tu, Clarinha, que tens tão boas qualidades, como és às vezes tão arisca...

MARIO — É só com a Mãe, fiquem sabendo.

CLARINHA *(zangada)* — Se o menino falasse menos, fazia bem.

Ouve-se a voz de D. Beatriz chamando: — Clarinha! Clarinha!

CLARINHA *(iluminando-se subitamente)* — Vamos depressa, meninos: é a minha querida sr.ª D. Beatriz a chamar-nos para o jardim!

MANUEL JOÃO *(pensativo de si para si)* — Porque será que ela detesta a Tia?

(Continua)

COLABORAÇÃO DAS FILIADAS

O dia da Mãi

Peça em dois actos da filiada n.º 19.455, Helena Moreira Duarte Carvalhão, Vanguardista, representada no «Dia da Mãi», no Centro n.º 1, Liceu de Rodrigues Lobo, Leiria.

PERSONAGENS:

Maria Margarida . . . . 17 anos
Maria Helena . . . . 16 »
Maria da Graça . . . . 11 »
Maria Leonor, (rapariga modernista) . . 17 »

A mãi das três primeiras raparigas

Uma criada

1.º ACTO

Cena: Uma mesa, ao centro, coberta com um naperon; uma jarra de flores, várias revistas da Mocidade. Algumas cadeiras. A um canto, outra mesa com um aparelho de T.S.F. e alguns bordados.

Ao levantar-se o pano, estão as três raparigas sentadas à mesa: M. Margarida, borda; M. Helena, lê; M. da Graça, estuda.

M. M. — Vocês sabem que amanhã é o Dia da Mãi? Que oferecem à Mãizinha? Eu estou a fazer êste naperon, que é o último dum jôgo que lhe hei-de oferecer. Não é nenhuma obra-prima, mas é o melhor que sou capaz de fazer.

M. G. — Pois eu tinha um dinheiro arrecadado e comprei um estojozinho para jóias. Preferia oferecer-lhe uma coisinha feita por mim. *(com ar contristado)*: Mas não fui capaz...

M. H. — Eu fiz uma toalhinha de chá e guardanapos iguais. Querem vêr? *(Vai à mesinha buscá-la e mostra)*.

M. H. — Então está combinado: amanhã vamos à Missa e Comunhão e oferecemos êstes actos piedosos a N. Senhor, para que nos conserve por muito tempo a Mãizinha. Depois, quando viermos, oferecer-lhe-emos as nossas prendas, valeu?

M. H. — Pois sim. *(Dobra a cabeça sôbre a Revista a ler)* Ouve lá, Guida, já leste êste artigo do Boletim?

M. M. — Qual?

M. H. — «As nossas raparigas»! É muito interessante.

M. M. — Eu não. Agora nem tenho tido tempo senão para bordar e estudar. Cada vez que me lembro que tenho o 6.º ano!!...

M. G. — Uma aluna como tu não deve ter mêdo. A mim o que me custa mais é a Matemática. Tenho aqui um problema para fazer... e não sou capaz.

M. H. *(levantando-se e indo ao pé da Maria da Graça)* — Tens alguma dificuldade?

(Neste momento entra a criada e diz):

A CRIADA — Meninas: está ali a menina Maria Leonor.

(Maria Helena volta para o seu lugar e responde):

M. H. — Mande-a entrar. *(A criada sai)*. O que é que ela cá vem fazer?! Que maçada!

M. M. — Vê como falas, Lena.

M. H. — Que queres, Guida! *(indo abraçá-la)* Não te zangues: eu hoje estou sem paciência nenhuma para aturar meninas idiotas.

(Lena diz as últimas palavras, gracejando).

(Entra Maria Leonor: Rapariga vestida luxuosamente, bonequinha da moda).

M. M. vai ao encontro dela.

M. M. — Adeus, Nôrzita, já há tanto tempo que te não via! Como estás? E os teus pais e mais família?

(M. L. cumprimenta Lena e estende a cara com modos presumidos a M. da G.; depois senta-se e diz):

M. L. — Está tudo bem, felizmente. Mas tenho tido tanto que fazer... Mal imaginas!

M. H. *(maliciosa)* — Sim! Aproxima-se o Dia da Mãi e tens uma prendinha para oferecer à Mamã.

M. L. *(batendo bem as sílabas)* — Oferecer à mamã! Dia da Mãi! Não compreendo nada. *(Com vivacidade)* Mas enganas-te, Lena. Tenho uma data de bailes e «bridges» prometidos às minhas amigas e estas já me censuram pois ainda não tive tempo para os realizar. Amanhã, tenho um chá em casa da Dulce. Faz anos. Estás a ver nem tenho tempo para respirar...

M. H. — Sim? Então como vives? Sem respirar? És anormal, Nôr. Tens que ser observada pelos médicos.

M. L. *(despeitada)* — Que gracinha! Ora vejam! Graças a Deus ainda tenho tempo para respirar. *(Voltando-se para a Guida)* A tua irmã continua a ser a mesma sensaborona de sempre! Uf!

M. H. — Sou tal qual a Natureza me fez: franca e... sensaborona!

M. M. — Então, Lena, tem juizo. Sempre a discutir. Mas, Nôr, que tens feito que nem tempo tens para nos visitares?

M. L. — Já te disse. A minha vida não é como a vossa. Que é que estás a fazer?

M. M. — Um naperon para oferecer amanhã à Mãizinha, pois é o «Dia da Mãi», como há bocadito te disse a Lena. Mas tu, com as tuas ocupações de vida mundana, não prestaste atenção.

M. L. — Presto agora. Mas afinal o que é isso?

M. H. — Parece impossível; uma menina tão sábia não saber o que é o «Dia da Mãi». Eu te explico: O «Dia da Mãi» é um dia que foi marcado pela «Obra das Mãis pela Educação Nacional», para que nêle, mais do que em qualquer outro, as filhas prestassem uma justa homenagem à sua Mãi. Mas, infelizmente, se há muitas raparigas que compreendem êste dia, há-as, e é em número maior, que não sabem sequer o seu significado.

M. L. *(furiosa)* — Sim? Em tudo que dizes hás-de fazer sempre alusão a alguém!...

M. H. *(muito ingénua)* — Porquê, a carapuça serviu-te?

M. L. *(enérgica)* — Lena! Vê o que dizes!

M. L. — Deixa-a Lá, Guida. Mas o que estás a fazer é para oferecerem à vossa mãi, ou é só a tua prenda?

M. M. — É só a minha. *(A Lena e a Graça)* Vão buscar as vossas para mostrarem à Maria Leonor.

(M. H. levanta-se de má vontade e vai à mesinha buscar o trabalho; Graça sai a correr).

M. L. *(observando o trabalho)* — Tens muito geito, Lena, sim senhor. À vossa Mãi, que aprecia tanto bordados, vai ficar encantada.

M. H. — Agradeço o elogio, se bem que fôsse escusado.

(Nisto entra Graça, que traz um guarda-jóias, que põe em cima da mesa).

M. G. — Vê! aqui está a minha oferta. Queria oferecer um naperon, mas não tenho jeito para bordar, de forma que comprei isto. É bonito, não é?

M. L. — É, sim. Muito interessante. *(Nisto vê as horas no seu relógio, levanta-se e diz)*: Ai! já tão tarde e ainda tenho umas poucas de voltas a dar. Despeço-me: Adeus, Guida. Dá cumprimentos à tua mãizinha.

(Estende a mão a Lena, que se curva numa exagerada mesura, dizendo):

M. H. — Desculpe, menina Leonor, se a ofendi!

M. L. — Já estou habituada. *(E já junto à porta acena a Graça)* Adeus, Gracinha.

M. G. — Adeus, Leonor.

(Sai acompanhada por Margarida).

M. H. *(põe-se atrás da cadeira da Graça e diz-lhe)*: — Querida Gracinha: Que grande frete, não achas?

M. G. — Porque és assim tão má para a Nôr? Não gostas dela?

M. H. — Eu não! Nadinha!

(Vem a criada que diz):

A CRIADA — Menina Lèninha, a sua irmã manda dizer se pode lá ir dentro!

M. H. — Lá vou já. *(Para M. da G.)* A Guida pede-me para lá ir dentro para fazermos uns bolinhos que ofereceremos à mamã, à hora do chá.

M. G. *(suplicante)* — Deixa-me também ir. Eu gosto tanto de ver fazer bolos. Também quero aprender. Deixas-me ir, sim?

M. H. — Está bem. Anda.

(Saem as duas a correr). Fim do 1.º Acto.

2.º ACTO

À mesma sala do 1.º acto. Sobe o pano e está sentada a mãi das três raparigas. Entram as três e beijam a mãi.

M. M. — Mamã, oferecemos-lhe estas prendazinhas pois hoje é o «Dia da Mãi».

(Tôdas põem as suas ofertas no colo da mãi).

MÃI *(comovida)* — Obrigada, minhas filhas. Graças a Deus vós não sois como muitas raparigas, filhas ingratas, que não fazem caso das mãis. Mas, muitas vezes, a culpa é destas, que se não impõem.

M. G. — Mamã, ontem esteve cá a Maria Leonor. Imagine que ela não sabia o que era o «Dia da Mãi»!

MÃI — E vós dissestes-lhe?

M. G. — A Lena explicou-lhe.

MÃI — Muito bem, Lena. Gosto de te ver assim. Ensinar os ignorantes, é uma obra de misericórdia.

M. M. — Mãizinha, nós devemos orar pelas mãis que são desprezadas e pelas almas daquelas que já morreram, e cujas filhas se não importam, pois devemos?

MÃI — Sim, Guida. É bom e salutar preceito orar pelos mortos. É uma das intenções que nunca devemos esquecer nas nossas preces, são as Almas, especialmente neste «Dia da Mãi».

M. G. — Foi a «Obra das Mãis pela Educação Nacional» que instituiu o «Dia da Mãe»?

MÃI. — Foi, sim, Gracinha. E instituiu-o para ver se levava tôdas as filhas, especialmente as que não têm interêsse pelos Pais, a amá-los mais e mais. Para, ao menos nêste Dia, oferecerem à sua Mãi uma oferta, pequenina e simples que seja, pois para a Mãi tem sempre muito valor.

(A criada entra trazendo, numa salva, uma carta e uma encomenda, na mão).

CRIADA. — Veio o Correio e trouxe isto para a Senhora *(Entrega e sai)*.

(A Mãi abre a carta e lê, só para si).

MÃI. — É do paizinho.

M. M. — Que diz êle, Mamã?

MÃI.—Diz que envia uma encomenda para mim em lembrança do «Dia da Mãi». Que desculpasse não ser só para a Mãi, pois também traz coisa para as filhas. Beija-vos a tôdas e em breve estará no meio de nós. Era seu desejo estar hoje, mas foi-lhe de todo impossível.

M. H. — Mamã, deixa-nos abrir a encomenda?

MÃI. — Abram.

(Abrem e tiram de lá um casaco de malha e três camisolas, uma para cada uma). Contentamento de tôdas.

M. G. — Como o Paizinho é bom! Nunca se esquece de nós. São tão lindas as camisolas, não são, Mamã? E tão quentinhas...

MÃI. — E' verdade, são quentinhas! Mas, minhas filhas, não vos esqueçais de que há tantos pobrezinhos que não têm roupa para vestirem, e passam tanto frio...

M. H. — Nós não os esquecemos. Na Mocidade fazemos roupinhas para os pobres. Só queria que a Mamã visse: como é comovedor ver as filiadas mais pequenas, que mal sabem pegar numa agulha, a quererem fazer uma camisinha para um recem-nascido.

Por vezes dão exemplos a muitas meninas que só pensam em ter casacos de peles, vestidos luxuosos, sem se importarem com a miséria alheia.

MÃI. — Infelizmente, Lena, é assim!

M. M. — Mas Mamã, graças a Deus ainda há a Mocidade que trabalha com o fim de socorrer a pobreza. Em todos os Centros do País, se vive com êsse ideal. E, no «Dia da Mãe», é ver tantos e tantos trabalhos que se encontram expostos.

M. H. *(Com entusiasmo)* — Como foi grande e sublime a idea da «Obra das Mãis» em instituir o «DIA DA MÃI». Honra às MÃIS PORTUGUESAS!

(Tôdas abraçam a Mãi).

FIM

Solução das Charadas — ARARA — AGUA-PÉ